

## **Variola e Febre amarela: fontes de preocupação em Desterro**

Priscila Carboneri de Sena

Universidade Federal de Santa Catarina

[pcarboneri@yahoo.com.br](mailto:pcarboneri@yahoo.com.br)

**Resumo:** O estudo das doenças que foram epidêmicas em dada região pode ser bastante útil ao trabalho historiográfico. Um surto epidêmico, geralmente, causa em um grupo social impactos relevantes dependendo da camada social que afeta. E, além disso, as relações que se estabelecem entre doenças e sociedade dependem da mentalidade de uma época, em outras palavras, essas relações são históricas. No presente artigo, pretende-se, através de fontes documentais como relatórios de presidente de província e notícias de jornal, mostrar como as doenças podem ser amplamente combatidas ou negligenciadas pelo poder público, de acordo com os interesses em voga. Aqui, serão analisadas a variola e a febre amarela na capital catarinense e no país de forma ampla, durante o final do século XIX, os anos iniciais da República Brasileira.

**Palavras-Chave:** Moléstias; Política Higienista; Século XIX; Desterro

**Abstract:** The survey of diseases what were epidemic in some region can be very useful to the work historiographical. An epidemic outbreak, generally, causes in the social group, impacts relevant depending on the layer social that affect. And, moreover, the relations established between disease and society depend on the mentality of an era, in other words, these relations are historical. In this article, it is intended, through documentary sources as chairman of the provincial reports and news stories, show how the diseases can be largely ignored or opposed by the public power in accordance with the interests in vogue. Here will be analyzed the smallpox and the yellow fever on capital of Santa Catarina and in the country, so extensive during the late nineteenth century, the early years of the Brazilian Republic.

**keywords:** Diseases; Political Hygienist; The 19th century; Desterro

### **Smallpox and yellow fever: sources of preoccupation in Desterro**

#### *Introdução*

O termo epidemia designa, segundo o dicionário, “o desenvolvimento de uma moléstia infecciosa que afeta, durante um período determinado e em certo território, um grande número de pessoas.”<sup>1</sup> Essa descrição nos mostra que esse acontecimento em dada região causa impacto aos moradores locais, influenciando o estilo de vida de tais indivíduos.

No estado de Santa Catarina, especificamente na cidade de Desterro (atual capital do estado catarinense), as moléstias que aconteceram em meados do século XIX, foram bastante

---

\* Aluna de graduação do curso de História.

<sup>1</sup> Dicionário da língua portuguesa. *Larousse Cultural*. São Paulo: Editora Moderna, 1992.



intensas e preocuparam as autoridades locais. Percebemos essa preocupação nos textos dos relatórios de presidentes de província da época.

Além desse tipo de documento, os jornais do período também denotam que havia uma propaganda geral para a prevenção e cura de muitas moléstias que perseguiram, não só os catarinenses de Desterro, mas muitos brasileiros de maneira geral.

No presente artigo, pretende-se avaliar o impacto da proliferação da varíola e da febre amarela, durante os meses de março e abril do ano de 1891, em Desterro, retratada no jornal *Gazeta do Sul*<sup>2</sup> e nas falas presidenciais sobre a saúde e as políticas higienistas, nos anos iniciais da República.

O Relatório de presidente de província do ano de 1889 é bastante emblemático, para o contexto em pauta, pois insinua que as condições de saneamento na província são satisfatórias, mesmo quando os casos de indivíduos afetados por graves moléstias são evidentes, sobretudo, por varíola (a denominada “bexiga”) e pela febre amarela (o vômito negro). Esse tema chama a atenção pela sua constância nas fontes escolhidas. As duas enfermidades marcaram presença no Brasil, durante todo o século XIX e aparecem de forma bastante incisiva ao final do século.

O jornal pesquisado, por exemplo, apresenta quase que diariamente notas de alerta contra o perigo que representavam tais doenças, assim como casos de falecimento por tais moléstias.

Os meses apontados foram escolhidos de maneira aleatória, pois em todo o ano pesquisado (1891) o panorama é o mesmo: muitas notícias relacionadas à varíola e à febre amarela. Além disso, não se considera possível analisar satisfatoriamente essa quantidade de fontes em uma pesquisa modesta e em um curto período, como o que foi destinado para a realização do presente trabalho.

Dessa maneira, a análise será focada nesse contexto específico e nas epidemias que mais preocuparam a sociedade de Desterro no período abordado, associando essa situação local com o âmbito nacional.

### *A República e o problema da saúde pública*

---

<sup>2</sup> Fonte encontrada na Biblioteca Estadual de Santa Catarina.



Os primeiros anos do período republicano no Brasil, que teve início em 1889, não diferiram muito, em termos de saúde pública, da situação diagnosticada em momentos anteriores. Durante todo o século XIX, o país sofreu com as eclosões de moléstias que dizimaram muitos brasileiros.

Doenças como cólera, varíola, malária, escorbuto, febre amarela, entre outras, apareceram, periodicamente no cenário nacional no período de transição do Império para a República. Fato que é admissível quando pensamos nas condições de vida e higiene que perpassavam a sociedade brasileira na época. Esgoto “a céu aberto” com moradias ao redor já era considerado, entre os cientistas, um perigo à saúde pública pela proliferação de moléstias que provocava. Inclusive, nesse momento, muitos eram os estudos desenvolvidos na área médica, em várias partes do mundo, sobre tais enfermidades que configuravam um fenômeno quase global na sociedade ocidental.

A febre amarela<sup>3</sup> é uma doença viral causada pela picada do mosquito *Aedes aegypti* contaminado pelo vírus *flavivirus*. Ao picar uma pessoa contaminada, o mosquito adquire o agente causador, e dessa forma, transmite a febre amarela às vítimas de sua picada. Em regiões úmidas, onde existe o mosquito e onde há muitos indivíduos contaminados, a proliferação dessa moléstia se faz em grande escala. Atualmente, sua ocorrência no Brasil é bastante diminuta em relação ao final do século XIX. Primeiramente, as epidemias ocorridas no país provocaram a imunidade, e também, as campanhas de vacinação foram eficazes, pois a população, através de políticas pedagógicas, agora aceita as vacinas como medida preventiva, o que não ocorria no século XIX.

A varíola<sup>4</sup>, por sua vez, é uma doença também causada por vírus. É infecto-contagiosa, isto é, transmitida por contágio (sua proliferação, portanto, é simples e rápida). É considerada a causadora das epidemias mais violentas da história da humanidade. Em nosso país, e em Desterro, não foi diferente. O *Orthopoxvirus variolae*, agente causador, uma vez no organismo causa incômodos como dor de cabeça, mal estar, febre alta. E após alguns dias,

<sup>3</sup>BENSEÑOR, Isabela. *Como funciona a febre amarela*. Artigo disponível em <<http://saude.hsw.uol.com.br/febre-amarela.htm>>, último acesso em 23 de outubro de 2008.

<sup>4</sup> FERREIRA, Pablo. Varíola. Glossário de doenças. *Agência Fiocruz de Notícias* saúde e ciência para todos. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=310&sid=6>>, último acesso em 23 de outubro de 2008.



provoca manchas avermelhadas na pele com posteriores “erupções pustulentas”. Existem variações da doença, e uma das formas é letal.

Sidney Chalhoub<sup>5</sup> ao analisar o contexto de epidemias durante o Império brasileiro na cidade do Rio de Janeiro, demonstra que a “praga amarela” era uma moléstia que acometia principalmente os estrangeiros europeus que não eram “aclimatados”, quer dizer, os europeus que não estavam habituados ao clima tropical e que vinham para o Brasil para servirem de mão-de-obra assalariada. Já a varíola era a doença de escravos. Lembremos que, com o a lei Eusébio de Queiroz de 1850, que proibia o tráfico de escravos no país, o trabalho assalariado dos imigrantes foi impulsionado; logo, havia preocupação por partes das autoridades em manter a integridade física desses recém chegados. A campanha de prevenção contra a febre amarela, dessa maneira, foi intensa.

Da mesma forma, houve combate à proliferação da varíola. Mas esse não se deu pelo mesmo motivo, ao que parece. Não havia preocupação com a integridade física dos negros e pobres, mas havia a necessidade de revitalizar os centros urbanos do país para atrair investimentos para a modernização. Logo, a interferência do Estado para a prevenção e cura de ambas as doenças, assim como de outras que castigavam a população no Brasil, foi significativa.

Durante o império brasileiro, as vacinas não eram práticas comuns. Esse tipo de prevenção, que hoje é tão corriqueira, é relativamente recente no Brasil. No início da República Velha havia projetos em curso com vistas a melhorar as condições de saneamento e de saúde nas províncias do país. Conseqüência dessa “política higienista” foi a eclosão da “Revolta da Vacina”, em 1904, no Rio de Janeiro, ocorrida em protesto à obrigatoriedade de se tomar a vacina contra a varíola; doença que há algum tempo perseguia a sociedade brasileira.

Em torno desse evento histórico que foi a citada revolta, havia uma mudança de mentalidade no seio daquela sociedade no que se referia às questões de doença e saúde. Hermetes Reis de Araújo<sup>6</sup> ao descrever as condições sanitárias da capital do estado de Santa

---

<sup>5</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril* cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.60 – 122.

<sup>6</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis de. Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In: BRANCHER, Ana. (org). *História de Santa Catarina* estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p.102 – 113.



Catarina nos anos de 1920, remonta a um período anterior para realizar uma comparação bastante interessante. Afirma que houve uma “modernização” nas relações entre a sociedade e as doenças na virada do século XX. Em períodos anteriores, as doenças eram vistas como naturais, ou seja, faziam parte do curso normal da vida.

As pessoas temiam-nas, porém a relação que se estabelecia era de tolerância; isso pelo fato de não compreenderem como funcionava a maioria das doenças. Protegiam-se das moléstias com receitas caseiras, ervas, e também com o misticismo. As políticas higienistas e os estudos científicos que se desenvolviam em nível global, durante o século XIX, mostraram à sociedade brasileira, sobretudo no período republicano, um conhecimento sobre as causas e a profilaxia de muitas doenças que dizimavam a população.

A ocorrência de doenças deixava de ser algo “natural”. A ciência foi transmitida à população através de propagandas massivas de métodos de prevenção e de cura. Assim, foi se construindo uma nova idéia ao redor de doença e saúde. O saudável passou a ser atrelado ao civilizado, ou seja, os doentes passaram a ser vistos como incivilizados. Contrapunha-se, nesse momento, o indivíduo bem cuidado, saudável ao mal tratado, doente. Forjava-se desse modo, um novo quadro de exclusão. Esses elementos doentes deveriam ser tratados longe dos olhos da civilização.

Na Província de Santa Catarina, como aponta Oswaldo Rodrigues Cabral “não houve epidemia no Brasil que tivesse poupado Desterro”<sup>7</sup>; isso devido às condições de vida precárias da região. Por isso, medidas profiláticas eram tomadas contra determinadas moléstias.<sup>8</sup> Em regiões litorâneas e portuárias da província, por exemplo, havia o cuidado de isolar os viajantes que provinham de locais afetados por alguma enfermidade, ou seja, levava-se esses recém chegados a lugares afastados do contingente populacional, aos lazaretos ou às fortalezas, destinados a tratar os doentes. Era a chamada “quarentena” dos viajantes. Além disso, a desinfecção dos navios era uma prática bastante recorrente. Aqui percebemos a observação realizada por Araújo<sup>9</sup>. A nova relação que a sociedade estabelecera com as

---

<sup>7</sup> CABRAL, Oswaldo R. (Oswaldo Rodrigues). *Nossa Senhora do Desterro*. Vol.2. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p.183.

<sup>8</sup> Idem, p. 183-215.

<sup>9</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis de. Op. Cit.



doenças entre os séculos XIX e XX, não permitia deixar os saudáveis junto aos “mal tratados”.

Tal precaução de isolar os possíveis doentes era eficaz e evitava a proliferação das temidas enfermidades, mas nessa conjuntura “entra em cena” também a questão da distinção social. O isolamento foi destinado a uma parcela das pessoas que aportavam em território catarinense. Aos escravos, aos soldados, aos marinheiros, às mulheres e aos “pobretões”, segundo Cabral<sup>10</sup>. Logo, aqueles indivíduos mais abastados eram dispensados desse tratamento, afinal essas doenças não eram tidas como de ricos. Percebe-se nesse fato como parcelas da sociedade são sumariamente excluídas, a fim de manter certa hierarquia de categorias sociais. Essa postura adotada colocou em risco a vida de muitos moradores da província de Santa Catarina, já que as moléstias continuavam a se proliferar.

Diante de tal conjuntura, passemos à análise do comportamento da imprensa e das autoridades locais, no que diz respeito ao combate da incidência de febre amarela e varíola na cidade de Nossa Senhora do Desterro no ano de 1891.

#### *Março e Abril de 1891: amostragem de uma situação pouco saudável*

A sociedade de Desterro já se sentia incomodada com seus doentes, em decorrência das informações que adquirira no que concernia à prevenção de certas doenças, e até mesmo ao discurso de civilidade e limpeza das cidades que o governo republicano havia adotado.

A imprensa catarinense, nesse contexto, exerceu um papel preponderante na região. Acompanhando as demandas dessa população, as notas de jornais da época ganharam um tom “agressivo”, quando o assunto era saúde pública. A indignação com a quantidade de vítimas que ainda existiam está estampada nas notas retiradas do *Jornal Gazeta do Sul*. Nelas encontramos um discurso que ataca sutilmente as autoridades por sua inabilidade em tratar o assunto, como podemos observar no seguinte trecho:

CUIDADO

É do Paiz de 3 a seguinte noticia:

Bem triste a nota que vem nos lembrar o estado de hygiene que atravessamos!

<sup>10</sup> CABRAL, Oswaldo R. Op. Cit.



O obituário da Santa Casa de Misericórdia registra no dia de ante-hontem 25 casos fataes de febre amarella e 8 de perniciosa[...]<sup>11</sup>

Ao lembrar o estado de higiene que atravessava a cidade de Desterro, o jornalista, está claro, desejava evocar o poder público como responsável pelos obituários, já que as condições sanitárias de uma região eram e são comumente responsabilidades do governo.

Seguindo essa mesma pressão sobre as autoridades, a nota do dia 13 de março diz o seguinte:

#### PELA SAUDE PUBLICA

O facto de nada ter-se feito relativamente á saúde da população catharinense, quando os jornaes da Capital Federal vinham nos annunciando que a febre amarella grassava ali, victimando um numero considerável de vida, diariamente, assumiu maiores proporções diante dos incidentes de hontem. O paquete Rio-Paraná veio como um mensageiro fúnebre pôr-nos em verdadeiro sobresalto, e, tendo fundeado por mais de 10 horas dentro do nosso porto quando a seu bordo trazia casos d'esse terrível mal, imprimiu a nota característica do descuido dos que tem obrigação de zelar pela saude publica.<sup>12</sup>

As notas das quais estamos tratando aqui, ainda nos revelam outros dados instigadores. Costuma-se classificar a varíola como doença de escravos e de pobres, e que foi combatida devido à idéia de civilizar os centros urbanos. Até podemos aceitar que a maior parte das pessoas acometida pela moléstia fosse pobre e escrava; porém essa não é uma regra. É senso comum que notas de jornais privilegiam tudo aquilo que incomoda as camadas mais abastadas de uma sociedade.

Se pensarmos dessa forma, a febre amarela e a varíola são doenças que afetavam as camadas mais ricas também, pois as notícias sobre elas são significativas. Observemos a notícia que se segue:

#### FALLECIMENTO

Falleceu hontem a tarde nessa capital, de varíolas confluentes, o conceituado comerciante José Francisco da Rosa, solteiro, ainda muito moço, estabelecido á rua José Veiga ...<sup>13</sup>

Dentre várias outras notícias que relatam mortes por varíola de pessoas consideradas “ilustres” na sociedade de Desterro, temos:

---

<sup>11</sup> *Jornal Gazeta do Sul*. 6 de março de 1891. p. 27

<sup>12</sup> *Idem*. p. 28

<sup>13</sup> *Jornal Gazeta do Sul*. 24 de março de 1891. p. 25



## FALLECIMENTO

Victima de varíolas, faleceu antes de hontem, na cidade de S. José o distinto moço, José Lopes, que ia, em breve tempo, casar-se com uma filha do Exmo. Sr. Governador do Estado<sup>14</sup>.

Podemos assim inferir que, diante da nova postura adotada pela sociedade em relação às doenças, ou seja, de não tolerância, assim como diante da idéia de civilidade que grassava entre a população, do projeto de revitalização das cidades (afastar o que é incômodo), e dos casos de doenças que acometiam os mais abastados, o papel da imprensa foi de mobilização para combater tais moléstias.

*Autoridades e suas iniciativas*

Na década que antecedeu a instauração da República, os governantes da província de Santa Catarina demonstraram grande preocupação com a saúde pública na capital: Desterro. Percebe-se com a leitura dos documentos sobre saúde pública da região que “a proliferação de muitas doenças características daquele período estavam diretamente ligados às péssimas condições sanitárias das cidades como água não tratada, esgoto a céu aberto sendo despejado nos córregos, lixo sendo abandonado nas praias”<sup>15</sup>.

Com a mudança do regime político, o panorama não mudara. Doenças graves como varíola e febre amarela ainda estavam presentes em território nacional, sobretudo em Desterro. Porém, o discurso político quanto a esse problema se modificara. Constata-se, com a leitura dos relatórios de presidente de províncias posteriores ao ano de 1889, que as condições de saneamento da capital eram satisfatórias.

Se assim fosse, os casos de doenças e epidemias teriam diminuído consideravelmente. Mas, pelo contrário, casos de mortes por varíola, febre amarela e por outras moléstias ainda ocupavam importante espaço na imprensa de Desterro no início do período republicano.

<sup>14</sup> *Jornal Gazeta do Sul*. 01 de abril de 1891. p. 28

<sup>15</sup> ESPÍNDOLA, Ariana Moreira; FREITAS, Larissa Viegas de Mello; HENTZ, Isabel Cristina; NEVES, Carolina Steiner. *OFICINA DE FONTES* Condições de saúde e epidemias em Santa Catarina – década de 1880. Trabalho apresentado como requisito parcial de avaliação para a disciplina de História do Brasil II, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado, da 5ª fase do curso de graduação em História. 1º SEMESTRE DE 2008.





Cabral (1979), sobre isso, afirma que havia uma propaganda quanto às características sanitárias de Desterro. Diz o autor que, havia a pretensão de divulgar a imagem de uma cidade limpa e saudável, já que essas características estavam ligadas a um ideal de civilidade. Combater as moléstias significava, em certa medida, ser um povo “superior”. Logo, os textos que preenchem as linhas desses documentos públicos, mostram, muitas vezes, uma visão tendenciosa da realidade. Ou seja, para propagar uma imagem idealizada da província que governava, esses presidentes escreviam em seus relatórios aspectos que valorizavam o território discutido.

O presidente Joaquim Eloy de Medeiros em seu relatório, no ano de 1889, por exemplo, mesmo relatando que havia ainda casos de óbitos por doenças epidêmicas em toda a província de Santa Catarina, bem como em sua capital, e que as prevenções deveriam continuar sendo realizadas, afirma que “É satisfactorio actualmente o estado sanitário da capital... (*sic*)”, e ainda “Felizmente é hoje bom o estado sanitario, quer na capital, quer de toda a provincia.”.<sup>16</sup>

Diante do quadro crescente de óbitos em decorrência de epidemias de febre amarela e varíola, sobretudo, o discurso do relatório presidencial de Santa Catarina, do ano de 1891, foi alterado. Apresentava o seguinte texto:

O estado sanitário de um anno a esta parte não tem sido bom: a dysenteria, as febres de mau character, a influenza, e sobre tudo, a varíola, têm grassado em vários pontos do Estado e apezar das providencias enérgicas tomadas pelo Governo, não se pôde ainda debellar a epidemia de bexigas que reina na Capital há mais de um anno, estendendo-se a outras localidades.<sup>17</sup>

E seguindo esse curto enunciado, a discussão já é revertida para outro tema. Em relação aos relatórios anteriores, o espaço reservado ao detalhamento sobre o saneamento e a saúde pública é muito reduzido.

<sup>16</sup> Relatório com que o Exm. Sr. Cônego Joaquim Eloy de Medeiros, 2º vice-presidente, passou a administração da província ao Exm. Sr. Dr. Aldon Baptista, 1º vice-presidente, em 26 de junho de 1889. Santa Catharina, Desterro. p.30. Disponível em < <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u946/000030.html>> , último acesso em 23 de outubro de 2008.

<sup>17</sup> Mensagem do presidente Gustavo Richard. Mensagens lidas na Abertura do Congresso Constituinte a 28 de abril de 1891 e na Abertura do 1º Congresso Legislativo a 29 de setembro de 1891. p.18. Disponível em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u947/000018.html>>, último acesso em 23 de outubro de 2008.



Percebe-se assim que muito já havia sido feito pela saúde pública, porém os métodos não foram tão eficazes. Como conseqüência, as mortes causadas por graves doenças que há muito tempo se manifestavam na província não haviam abandonado a região. Isso talvez, tivesse causado certo mal estar entre as autoridades que se viam pressionadas a resolver a questão. Eram pressionadas, de um lado pela imprensa local, que mantinha diariamente alguma nota relacionada a esse assunto; e de outro, por si próprias já que a imagem de bom governante estava normalmente ligada à resolução desse tipo de problema social e público. Além disso, nesse momento, como já foi dito anteriormente, surgia a idéia de civilidade atrelada à limpeza das cidades.

### *Considerações Finais*

Nos dizeres de Hermetes Reis de Araújo, sobre o início do século XX, em Desterro, “[...] na perspectiva de produzir uma imagem de Santa Catarina como uma região propícia ao investimento capitalista, especialmente por meio de empresas de colonização que deveriam promover o aumento populacional e o crescimento econômico, Florianópolis passou a ser vista como uma porta de entrada desabonadora da propaganda que então se fazia do estado”.<sup>18</sup>

O discurso oficial sobre o estado nos primeiros anos de 1900 tentava mostrar uma capital como um ideal de centro urbano, o que incluía o modelo de civilidade, que excluía doenças e epidemias de forma geral. Podemos perceber que esse discurso foi construído nos anos anteriores que coincidiram com o início da República no Brasil.

Privilegiava-se uma forma de conceber as cidades que não deixava espaço para doenças, que passaram a ser vistas como incivilidade. Além disso, afastava-se os indivíduos doentes como forma de prevenção. Atitude que escondia preconceitos sob a forma de medidas profiláticas, uma vez que as pessoas que eram mais ricas dificilmente eram isoladas.

Assim, a observação das relações estabelecidas entre doenças e sociedade pode mostrar como funcionavam as relações sociais de um período. Daí a importância desse tipo de análise para a historiografia.

### *Relatórios utilizados*

---

<sup>18</sup> ARAÚJO. Op. cit. p.108.



- Relatório com que o Exm. Sr. Cônego Joaquim Eloy de Medeiros, 2º vice-presidente, passou a administração da província ao Exm. Sr. Dr. Aldon Baptista, 1º vice-presidente, em 26 de junho de 1889. Santa Catharina, Desterro. p.30 – 34. Disponível em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u946/index.html>> , último acesso em 23 de outubro de 2008.

- Relatório: Mensagem do presidente Gustavo Richard. Mensagens lidas na Abertura do Congresso Constituinte a 28 de abril de 1891 e na Abertura do 1º Congresso Legislativo a 29 de setembro de 1891. p.18. Disponível em < <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u947/index.html>> , último acesso em 23 de outubro de 2008.

### *Jornal*

Os meses de março e abril do jornal Gazeta do Sul foram pesquisados. Efetivamente, nesse trabalho, foram utilizadas algumas notas específicas.

Anno segundo – Número 17 – Desterro, 06 de março de 1891.

Anno segundo – Número 23 - Desterro, 13 de março de 1891.

Anno segundo – Número 31 – Desterro, 31 de março de 1891.

Anno segundo – Número 35 – Desterro, 01 de abril de 1891.

Essa fonte está disponível na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

